

DESP
6/4/98 J-3
Panará 274

Livro e exposição mostram vida dos índios panarás

Pedro Martinelli captou imagens desse povo, que hoje vive na cabeceira do Rio Iriri, na Amazônia

SIMONETTA PERSICHETTI
Especial para o Estado

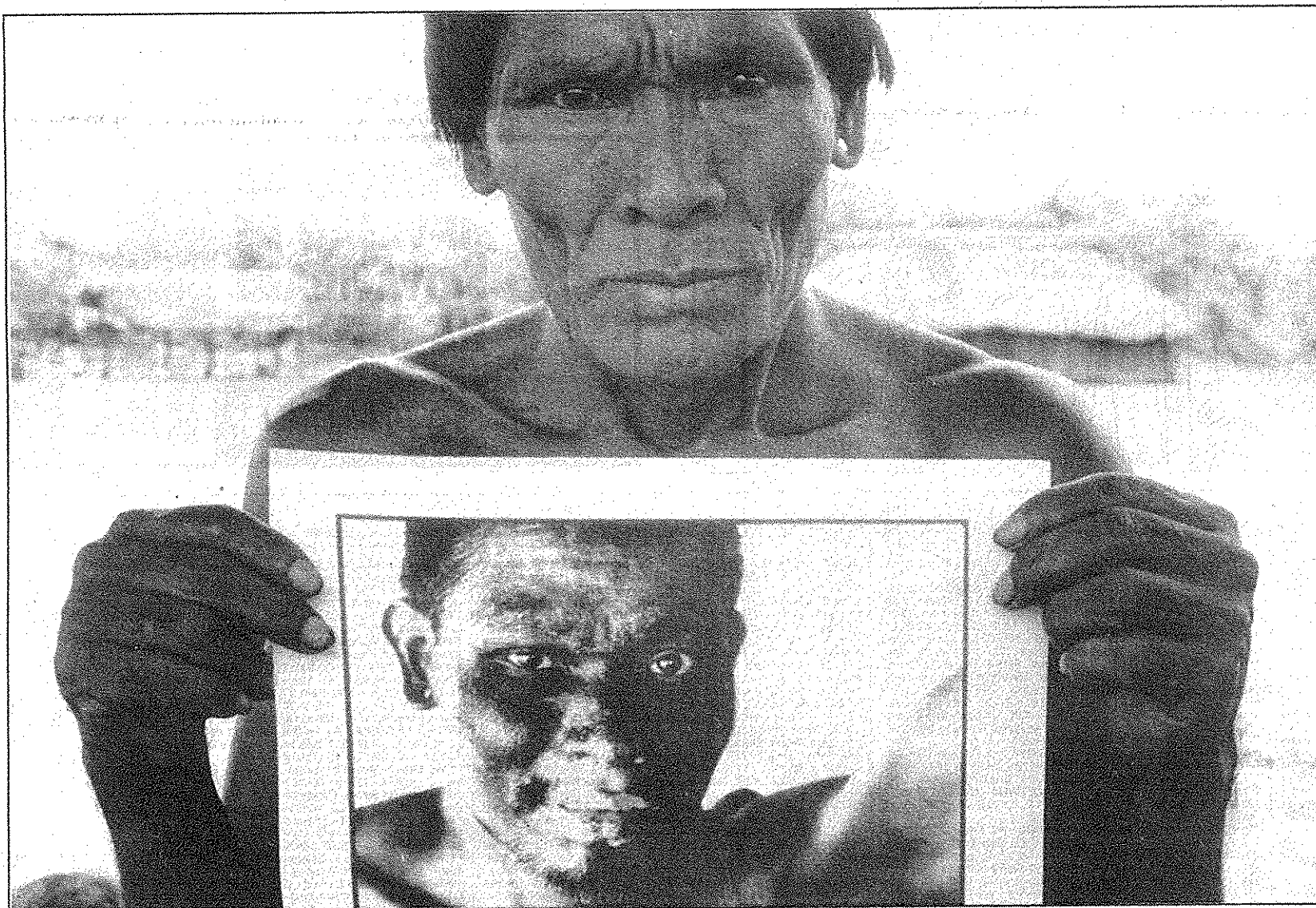
No começo dos anos 70, Pedro Martinelli era um rapaz de 20 anos que iniciava a carreira fotográfica. Foi enviado pelo *O Globo* para fotografar a expedição da Funai que tentava um primeiro contato com os índios cranhacaos, nome dado aos índios panarás pelos seus inimigos, os índios caiapós. Cranhacaore significa índio grande.

Animado, ele pensou que a aventura duraria apenas alguns meses. Entre idas e vindas passaram-se três anos antes que fizesse a primeira imagem do índio gigante. Nos momentos de espera, um Martinelli inquieto fotografava tudo o que ocorria no acampamento. Tentando aproximar-se dos índios, colava nos irmãos Villas Boas, sempre sabendo que estavam sendo o tempo inteiro observados e seguidos pelos índios.

Essa experiência o marcou para sempre. A tal ponto que 25 anos depois Martinelli voltou para a Amazônia em busca dos índios que havia fotografado no passado, viagem que resultou no livro *Panará — A Volta dos Índios Gigantes*, com texto de Ricardo Arnt, Lúcio Flávio Pinto e Raimundo Pinto. As fotos do livro, que será lançado amanhã, estarão expostas a partir de hoje no Sesc Pompéia, onde haverá também projeção de videodocumentário, mesa-redonda sobre o assunto e shows (leia programação ao lado).

O livro conta a saga desse povo contatado pelos irmãos Villas Boas no início de 1973 na área do Rio Peixoto de Azevedo, onde hoje passa a Rodovia Cuiabá-Santarém. Abandonados pela Funai, os panarás adoeceram e foram quase totalmente dizimados. Em 1975, os sobreviventes foram resgatados pelos sertanistas e levados para o Parque Nacional do Xingu, onde viveram exilados por 20 anos. Hoje eles estão de volta às suas terras na cabeceira do Rio Iriri.

"Esses índios ficaram provocando-me a vida inteira e durante esses anos todos fiquei perguntando como ninguém se tinha interessado em documentar o que havia ocorrido com eles", afirma. "Durante todos esses anos tive o cuidado de preservar esse material de época, de olhar, de estudar, até que decidi ir em busca dos índios de novo", explica. "Eu queria continuar a contar



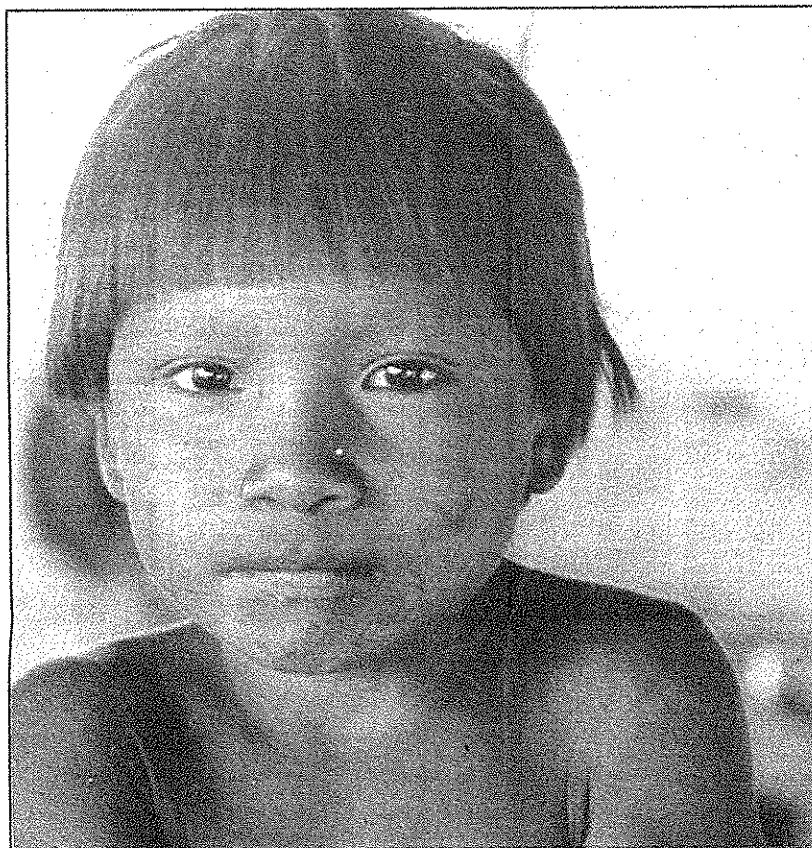
Panará com foto feita na década de 70 por Martinelli: tribo voltou às suas terras depois de passar 20 anos no Parque Nacional do Xingu

uma história que tinha ficado sem o final."

Por dez anos, em todas as folgas que tinha em seu trabalho diário, Martinelli preparou seu projeto sobre a história da Amazônia a partir do reencontro com esses índios. O ponto de partida foi há quatro anos, quando pediu demissão da Editora Abril, onde era o gerente do estúdio fotográfico, para dedicar-se ao seu projeto. "Foi nesse momento que encontrei o antropólogo Beto Ricardo, do Instituto Socioambiental, que me contou que os índios estavam de mudança do Parque Nacional do Xingu para a nova aldeia em Iriri."

A idéia de Martinelli era a de encontrar os mesmos índios que havia fotografado fazia mais de 20 anos. "Conversei com o Beto Ricardo, mas ninguém sabia dizer-me se esses índios ainda estavam vivos; nem o pessoal do instituto nem os irmãos Villas Boas", conta.

Ele fez uma cópia das imagens da



Menino da tribo: para fotógrafo, livro é "retrato de uma época"

época e foi para o Parque Nacional do Xingu acompanhado pela equipe do Instituto Socioambiental e pelo antropólogo Stephen Schwartzman, que trabalha com os panarás. "Mostrei as fotos para os índios", relata. "O primeiro que encontrei foi o Kôkriti; ele estava ali na minha frente e foi emocionante." E prossegue: "Foi uma situação meio tensa e eu estava emocionado." Depois, ele pediu informação sobre o outro índio, o Sôkriti, e descobriu que ele também estava vivo e pescando.

Martinelli fotografou a volta desses índios para sua aldeia natal. Depois de 25 anos, ele fez o caminho de volta. As imagens do primeiro contato e da volta estão todas nesse livro. Uma obra de referência para um país que pouco guarda de sua história. O fotógrafo diz-se um contador de histórias e considera o livro o "retrato de uma época". "Nem todas as fotos são brilhantes, porque aos 20 anos eu não era nada, estava começando com 90% de emoção e 10% de raciocínio", comenta. "Era um fotógrafo jornalista novo, que teve, porém, o grande mérito de registrar essa expedição, guardar as imagens e acabar essa história 20 anos depois."

PANARÁ
A VOLTA DOS
ÍNDIOS GIGANTES

O livro: história de um reencontro

PROGRAMAÇÃO

Hoje

No saguão e no Teatro do Sesc Pompéia, para convidados:

■ 18 horas — Abertura oficial da exposição *Kranhacarore-Panará* com imagens em preto-e-branco de Pedro Martinelli (1970/73 e 1995), vídeo. A exposição de fotos permanecerá aberta à visitação no hall do teatro do Sesc Pompéia até o dia 3.

■ 18h30 — Lançamento do livro *Panará — A Volta dos Índios Gigantes*, dos jornalistas Ricardo Arnt, Lúcio Flávio Pinto e Raimundo Pinto (texto) e Pedro Martinelli (fotos), com a presença dos autores.

■ 20 horas — Projeção do videodocumentário *O Brasil Grande e os Índios Gigantes*, dirigido por Aurélio Michilles.

■ 21 horas — Mesa-redonda Testemunhos da História dos Panarás (depoimentos de Aké Panará, Orlando Villas Boas, Pedro Martinelli, Ricardo Arnt, Lúcio Flávio Pinto, André Villas Boas, Steve Schwartzmann, Roberto Baruzzi, Aurélio Michilles, Franca Sciuto, sob a coordenação de Carlos Marés de Souza Filho, presidente do Instituto Socioambiental.

Amanhã

No Teatro do Sesc Pompéia:

■ 21 horas — Concerto de Marlui Miranda (*IHU — Todos os Sons*), Trio e Grupo IHU, com a participação dos panarás apresentando a própria música. Entrada grátis.

O Sesc Pompéia fica na Rua Clélia, 93, tel. 3871-7777. É recomendável retirar os ingressos com antecedência.